

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--1 de Novembro--1928

**5 tostões**

**3.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre **128**  
**five** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# HUMORISMO E CONFECCÇÕES



Não houve engano, não, gentilíssima leitora. E' mesmo assim: uma autentica pagina de modas, genero a que o caricaturista passa a dedicar-se d'ora ávante. Os modelos que publicamos, ultimas creações da «TESOURA DE PRATA», resultam lindissimos, executados em córtes de «Kasha» (não confundir com córtes de escacha).



## Os ditos da semana



**Os crisantemos** O *Sempre Fixe*, por não ter publicado os *Ditos da Semana* na semana anterior, não pode dizer palavras amáveis, embora faceciosas, a propósito da exposição de crisantemos da casa Moreira da Silva & Filhos. Nada se perdeu com a demora. Agora que tivemos ocasião de admirar os colossaes exemplares expostos, com mais força podemos escancarar as guelmas num altisonante — Ah! — de admiração.

Aquilo não são crisantemos, são repolhos, são couves-flores, são palmeiras da Avenida. Quem consegue fazer de um crisantemo uma flor daquele tamanho, também ha-de ser capaz de transformar um pé de salsa numa arvore de sombra. Ficamos esperando.

A Moreira da Silva & Filhos agradece o *Sempre Fixe* a honra de ter dado o seu nome a uma das suas especies.

exemplo, a vêr se o sr. ministro da Instrução substitue a ideia da camionete, para transporte dos alunos, por um subsidio para calçado, a descontar nas propinas que são quasi tão dificeis de alcançar como o Jiceu D. João de Castro.

**Filho de peixe... neto de peixe...** Escreve-nos um neto de Tomaz Ribeiro e envia-nos colaboração. Vamos publicá-la hoje e o publico dirá se fizemos bem, se o peixinho que acaba de deitar a cabeça fóra de agua, no mar das letras, é ou não filho de peixe, neto de peixe... Quanto a remuneração, pergunte o sr. Roviabumello aos seus antepassados, se Tomaz Ribeiro, quando tentou os primeiros

passos nas letras recebeu alguma. E vamos andando.

**Façanhas** Estamos em pleno seculo das façanhas. A aviação creou um novo espirito de aventura em toda a gente. Antigamente, ia-se á descoberta de novos mundos. Hoje descobre-se os mundos que já estão descobertos. A façanha consiste em lá chegar duma maneira diferente daquela que normalmente se usa para os atingir. Vai-se ao Brazil e á America pelo ar e o mundo inteiro pasma da proeza, mas não é menor cometimento lá ir a remos ou á vela, como nos tempos remotos. A questão é não ir num paquete como qualquer burguez pançudo e reacionario.

No nosso tempo festeja-se um cocheiro que vem de Berlim a Paris no seu trem, co-

mo nos tempos da mala-posta, em que não havia outro meio de transporte Aquele alemão que fez, num mez, o caminho Berlim-Paris, não teria causado o menor assombro aos nossos avós, mas espanta-nos a nós que percorremos a mesma distancia de avião em meia duzia de horas.

No seculo da velocidade, é uma façanha digna de registo, com retratos nos jornais, fazer uma viagem a passo de boi.

Vai-se á vela, numa casca de noz, por esse Atlantico fóra para maravilhar o muudo, como se o perigo não estivesse justamente no contrario — em viajar nos transatlanticos cujas caldeiras explodem, nos aviões cujos motos param, nos dirigiveis com flatulencias de gazes, a pedir carvão de Belloc, e sempre na iminencia de estoirar. O mar é tão grande que não iiga importancia alguma ás cascas de noz que se metem em aventuras com um insecto lá dentro.

Mas agora que vai tão longe o tempo das maravilhas, a gente gosta de se iludir e chama façanha a toda a vulgaridade que esteja fóra de moda.

Por este processo, havemos de voltar a acender candeias de azeite com lume feito com um fuzil a raspar numa pedra e, mais dia menos dia, ha de levantar-se uma estatua ao portuguezinho valente que se lembrar de ir a pé daqui até Belem, façanha que já o pae Adão fazia sem a mãe lva se tivesse lembrado sequer de o propôr para a Torre e Espada.

Se esta febre continua, também o *Sempre Fixe* quer causar sensação, também quer aplausos, e vai passar a fazer-se á mão.

**O Terreiro do Paço** A Camara Municipal, na sua febre modernista, quer pôr tudo á *garçon-ne*. Foi-se ao Rocio e rapou-lhe as arvores e a placa central. Foi-se aos Restauradores e escanhou-lhe a relva, os passeios, as arvores e os parais. Foi-se á Rua 24 de Julho e rapou-lhe o mercado, rapou-lhe as varinas e rapou-lhe os palavrões indigenas e sonoros. E agora foi-se ao Terreiro do Paço e mandou-lhe aparar a placa, aparar as arvores e aparar os bancos. Fica tudo a caracter. Onde elas se fazem é onde se pagam, diz o ditado e é bem certo. Mas uma camara assim, não é uma camara — é uma loja de barbeiro.

## Saavedra Machado



Ao velho e querido amigo Saavedra Machado,  
J. Valença

Tão habil no manejo de lapis, como no da pena, Saavedra Machado encetou a publicação de «O desenho e as mulheres no labor artistico de Rafael Bordalo», esplendida obra que põe em fóco o luminoso genio do Mestre, sob aqueles aspectos. Embora farto de lidar com os ossos do Museu Anatomico, que são os ossos de seu officio, toque nestes que o *Sempre Fixe* lhe estende, Saavedra amigo!

**As botas do 'Fixe'** Dum assiduo leitor, o sr. A. G. S., recebemos uma carta que, por a termos achado de todo o ponto justa, não podemos deixar de dar á publicidade. Diz a carta:

"Sr. Director do *Sempre Fixe*:— Um leitor, sempre fixe a comprar o dito, possuidor do n.º 1 ao n.º 126, vem perguntar a V. a razão porque o ardira do cabeçalho do seu engraçado jornal descalçou os *alcatrúzes* que V. com tanto cuidado lhe arrançou, a fim de cumprir o decreto que proibe andar descalço! Obrigame a acreditar que o rapazinho tem os capatos a concertar, ou que V. apelando para o bondoso coração do sr. Ferreira do Amaral, conseguisse que ele isentasse o vosso ardina das penalidade da lei!

Interessa-me vêr no proximo numero, satisfeita a minha curiosidade de leitor assiduo, A. G. S.

Já agora vamos explicar ao sr. A. G. S. a razão porque o ardina descalçou as botas.

Em primeiro lugar porque para o *Sempre Fixe* nunca ha dificuldades quando se trata de descalçar uma bota e em segundo lugar porque, tendo um excelente coração, se condoeu da sorte dum pobre rapazito, filho de gente modesta, que está matriculado no liceu D. João de Castro, e já gastou trez pares de botas no caminho para as aulas, e deu-lhe as suas. Fê-lo o *Sempre Fixe*, com um duplo objectivo: Evitar mais uma despeza ao pae do rapaz, e dar um

## COMPANHEIRAS INSEPARAVEIS



Uma Fada, companheira inseparável do Fado



Um peixe, companheiro inseparável do peixe

TAC-TAC-TAC

# A SORTE GRANDE

O sr. José Lopes tinha mau genio, não resta duvida; mas a D. Efigenia, sua mulher, também tivera muita culpa nos lamentáveis acontecimentos a que a minha pena de reporter-psicologico me leva a referir agora.

Toda a questão começara no dia, quer dizer, na noite em que Lopes tivera o mau sestro de, abraçando sua mulher Efigenia, num sonho amoroso, ter-lhe chamado Gertrudes — minha Gertrudes! — que era o nome proprio e usado da criada. De manhã, a explicação foi terrível! E, depois de formidáveis objurgatorias, em que o repertorio das varinas entrou em larga escala, ficou resolvido que se fizesse a separação dos conjuges em dois leitos paralelos.

Em breve, porém, cada um deles occupava o seu quarto; e, pouco tempo depois, a casa era dividida em dois lotes perfeitamente independentes. A união daqueles antes era apenas aparente.

No meio da casa ficava o salão, terreno considerado neutro, por causa do piano em que a filha do casal, a Mariquinhas, exercia a sua morbida tendencia musical. Além do salão, terra-de-ninguem, assim chamada exactamente porque era comum de três, só a filha lhes era igual pertença, atenta a impossibilidade de ser repartida em dois pedaços iguais, dado que Salomão já falecera ha muito, — infelizmente! na expressão lamentosa de Lopes.

Mariquinhas martelava sofrivelmente as teclas do seu instrumento nos momentos nostalgicos, em que a sua alma de virgem confiava ao espirito de Mozart as suas confidencias intimas de curiosa pubere. Concertista-desconcertante lhe chamava o espirituoso Francisco Lindo, seu companheiro de infancia e que, pela liberdade de primo, a iniciara nos primeiros passos da via lirica, ouvindo-lhe, embevecido, os acordes, enquanto esperava com segurança o dia almejado do himineu.

O «Chico Lindo», como todos o chamavam, fazia, por assim dizer, par-

te da familia, o que bem se explicava não só pelo parentesco, mas também pelas relações de seu pai, Domingos Lindo Fernandes, com o casal Lopes, relações que datavam de longos anos, mais ou menos um ano antes do nascimento da Mariquinhas. Talvez, mesmo, que, se a D. Efigenia nunca chamara ao marido Domingos, fosse tão só porque a discreção da mulher é infinitamente superior á dos homens; e, além disso, porque não haveria meio de já-mais confundir o obeso José Lopes com o assaz elegante e reforçado Domingos, a quem o sobrenome de Lindo não ficava descabido de todo.

Era Domingos um pouco calmo, honrado e pontual. Exercia de ha muito o cargo de chefe de repartição num dos nossos estabelecimentos de credito publico e era dotado de tão bom fundo, como sei dizer-se, que enchia os seus amigos de pequenos presentes e agradáveis lembranças, como que para afogar certos escrupulos de consciencia que o habito não conseguira calar.

Assim é que o quarto virginal de Mariquinhas fora mobilado exclusivamente pelos seus disvelos. Por outro lado, todos os cachimbos preciosos, porque o amigo Lopes fumava, haviam sido simpaticamente dadas de Domingos, e D. Efigenia, desde que um dia dissera que as flores duram pouco e levam consigo o perfume da recordação, nunca mais pagara as facturas do Grandela, seu preferido fornecedor.

Um dia, muito antes da oclosão tragica do sonho lirico de José Lopes, Domingos Lindo Fernandes entrara de semblante sobremodo alegre, dizendo galhofeiro para D. Efigenia:

— Minha amiguinha, adivinhe lá o que lhe trago hoje! — Quinhentos contos!

— Não acho graça a essa graça de mau gosto... — disse D. Efigenia meto abespinhada.

— Nada disso, minha amiga! — retorquiu Domingos.

E, estendendo um quarto de bilhete da loteria do Natal:

— Certo como a morte certa! — concluiu. — Veja o numero: 1.313. Dois trezes; é onde sai a sorte grande; é o dote da Mariquinhas.

D. Efigenia encolhera os ombros num gesto de duvida e guardara o quarto de bilhete no seu pequeno cofre de joias. «Ele bem poderia ser!» — pensara. Depois, com o desgosto do sonho do marido, de todo esquecera o jogo prometedor.

Ora chegou um dia em que D. Efigenia, farta de surpreender olhares equivocados entre o Lopes e a criada, exigiu perentoriamente que a Gertrudes fosse *aposta no meio da rua*.

José Lopes resistiu. Não; não se devia expulsar a criada, «uma pobre rapariga obrigada a ganhar o seu pão quotidiano»...

— Separemo-nos! — gritara ele, exasperado. — Acabemos duma vez para sempre com tudo isto!

— Perfeitamente do accordo! — ripostou D. Efigenia. — Logo que a Mariquinhas case, separar-nos hemos imediatamente.

— Mas, case com quem?... — perguntou, abrupto, José Lopes.

— Bem entendido que com o Chico Lindo.

— Mas que Chico é que Lindo?

— O filho do Domingos.

— Qual Domingos?

— Homem, parece-me que conheces o Domingos Fernandes...

— Ah! — tívou Lopes. — Com esse, nunca!

— Mas porquê?

— Já que o queres saber, vou dizer-te: porque o Domingos é teu amante ha vinte anos!

Era demais! A separação immediata era irreparavel.

E fez-se immediatamente. Cadeira aqui, comoda ali, dividiram entre si os moveis; depois, as roupas; por fim, os papéis de credito. O regimen de separação de bens foi respeitado lealmente por ambos.

Chegou a vez de Efigenia lançar sobre a mesa o quarto de bilhete n.º

1.313 para a loteria do Natal. Lopes negou-se a repartir um bem tão suspeito e tão irrisorio. Mas Efigenia, heroicamente, empunhando uma tesoura, lembrou-se do Salomão, de que o marido tanto falara, e — zás! cortou o papel em sentido longitudinal, na mais perfeita equidade: treze para um lado; treze para outro.

Entendidos sobre a sorte da pequena, que os tribunais mais tarde estabeleceriam, cada um foi viver para seu lado: José Lopes, com a Gertrudes, para Cacilhas; D. Efigenia e a filha para o bairro da Liberdade, em Campolide.

Tudo assim se destizera, triste e desolado como uma tarde chuvosa dum dezembro agreste!...

Três longos meses se passaram. Efigenia tornara-se merencoria e reumatica. Mariquinhas, sem piano, neurastenica e linfatica. José Lopes, velho e rabujento. Gertrudes, malcriada e vadia. Domingos Fernandes, esse, inconsolavel, escrevia ao seu velho amigo: «Mas porque diabo, sabendo-o ha tanto tempo, só agora te lembraste deste disparate?!»

Só o Chico Lindo confiava sorridente na Providencia.

E foi Esta que tudo resolveu. Começou por pôr no caminho de Gertrudes um desses *guitas* irresistíveis com quem ela abalou. A seguir... a seguir fez sair no n.º 1.313 a sorte grande do Natal.

Ora as duas partes do bilhete, reunidas, valiam 500 contos; separadas, não valiam nada.

Foi o Chico Lindo que se encarregou de o provar e, tendo-as reunido, reuniu, ao mesmo tempo, toda aquela santa familia de parentes e aderentes, provando, mais uma vez, que só da união é que saem a *força* e a *harmonia*, alusão discreta aos talentos musicais da noiva.

Claro de Velho-trac.

FUME SUNRIPE

## Engano de direcção

Um grande sabio londrino,  
Que tem sciencia que farte,  
E é homem d'imenso tino,  
Telegrafou com destino  
Ao grande planeta Marte.

O radio a Marte chegou  
Devido á grande sciencia  
Do sabichão que o mandou;  
Porém o radio voltou,  
Devolvido á procedencia,

E esse planeta nos berra,  
Nos diz num brado incessante,  
Que o Marte, que é deus da Guerra,  
Fica decerto na Terra  
Que vive em guerra constante...

No cinema S. Luis  
Passa o filme *A Tentadora*,  
Com Greta Garbo, essa actriz  
Que toda a gente me diz  
Ser mulher encantadora.

Fui ver o *Adão e Eva*,  
Que era uma fita bem boa,  
Mas rara fita me leva  
A andar palpando na treva  
P'los cinemas de Lisboa.

Porém, li deessa mulher  
Tais coisas numa gazeta  
Que, de lá por onde der,  
Haja chuva, haja o que houver,  
Esta noite, vou á Greta.

João Fernandes.



—Esta carta diz que V. Ex.<sup>a</sup> casa  
aos trinta anos...  
—Mas eu já tenho perto de cincoen-  
ta!  
—Se não for V. Ex.<sup>a</sup>, será sua filha,  
uma neta, uma sobrinha, ou então  
qualquer vizinha.

CRUEL



—Porque razão não empregas pa-  
lavras mais doces quando me falas?  
—Pois não, querido! Açúcar, mel  
e melão...

## O grilo na gaiola

(Parafraze ao passarinho preso  
de M. M. Barbosa du Bocage).

Dentro da fragil gaiola,  
um grilo cõr de carvão  
pedia ao seu Deus a esmola  
de o arrancar da prisão.

De vez em quando afrouxava  
as azas nos movimentos  
e um debil *cri-cri* levava  
pelo ar estes lamentos:

— Al, que infinita saudade  
das searas e do luar,  
mais lindo que o da cidade  
que Destino me quiz dar!...

E as cigarras? E os raios,  
meus companheiros nos campos?...  
Como era lindo escutá-los  
sob a luz dos pirilampos...

Como é triste a inocencia  
quando um ser é assim tão fraco!  
Que malfadada imprudencia  
ter saído do buraco!...

Mal haja a mão calejada  
da maldita lavadeira  
que me trouxe d'emboscada  
para a Praça da Figueira!...

Assim dissertava o grilo,  
pensativo e cabisbaixo,  
quando disse: — O que é aquillo  
que estou vendo ali, em baixo?

Os olhos pôs-se a esfregar,  
como quem tem cataratas,  
porque viu, no chão, a andar,  
meia dúzia de batatas.

— Sois mais felizes do que eu,  
porque, se estou enjaulado,  
é que das azas de breu  
me sai um lindo trinado...

— Sois l'vres e até a raça  
é quasi irmão, a meu ver...  
Mas tendes casas de graça  
e tapetes p'ra roer...

Eu procurava o sustento  
sob a terra, ao seu calór,  
e só saía ao relento  
para aventuras d'amór...

Quem me pudesse tirar  
deste meu terrível fado  
p'ra depois, então, flunar  
por entre vós misturado!...

Nisto chega uma criada  
que, num caseiro diavelo,  
deita sobre a baratada  
um certo pó amarelo.

Três tombaram, duas, tontas,  
p'ra varios lados correram  
e todas, no fim de contas,  
em três minutos morreram.

E o grilo, depois de olhar  
p'ra aquela destruição,  
começou a matutar  
e teve esta opinião:

O reverso é uma face  
que pouca gente distingue...  
... Antes gaiola e alface  
que morrer com pós... Keating.

Esta «fabula» foi escrita expressa-  
mente para a recita de homenagem  
ao actor Augusto de Melo e ditado pelo  
actor Alberto Ghira na noite de 9 de  
Junho de 1928.

José Barbosa.



Engenheiro Carlos Santos

O grande triunfador da exposição dos novos  
modelos «Studbaker».

## ALEGROS

Um sapateiro londrino  
a quem talento não falta  
e dá leis em figurino  
quer p'r'ó gremio feminino  
a moda da bota alta.

A bota, como ele a quer,  
custará maços de notas,  
pois muito coiro requer:  
até parece a mulher,  
toda ela, um par de botas.

Ha certas modas externas  
que á mulher trazem desdolois:  
com essas botas modernas  
deixa a gente de ver pernas  
e passa só a ver coiros.

E' moda inconcupiscente,  
onde temos nossa cota,  
pois muitas vezes, a gente  
é quem lhes descalça as botas  
que calçam levanamente.

Ha quem diga que é o Papá  
que ao sapateiro se mostra  
pedindo a moda, á sucapa,  
só p'ra ver se a mulher tapá  
o muito que traz á mostra.

Se, assim, a bota pernaltá  
é p'ra castigo, então acho  
— razão p'ra tal não me faltá —  
que a moda da bota alta  
é moda de bota-abaiço.

João Trista.

FUME SUNRIPE



—Aqui tens 5 tostões para repar-  
tires generosamente com teu irmão.  
—Como se reparte generosamente?  
—Dando-lhe a parte maior...  
—Então o melhor é o senhor dar  
os cinco tostões ao meu irmão para  
ele os repartir.



—E' a primeira pessoa a quem tu  
oíço dizer que a revolução foi bené-  
fica!...  
—Para mim foi. Sou lavadeira...

# O "Sempre Fixe" daqui a 200 anos

**TEATROS.** — O Gremio dos Artistas Teatraes, tendo-se retirado da Anunciada, vai ter as suas aspirações todas em loja das Caldas.

Como simbolo da defeza dos interesses dos artistas, o Gremio vai mandar fazer um *Zé, de Bordalo*, num tamanho mais que regular.

— Nos meos teatraes continua a companhia contra a companhia Eva Stachino, que consideram companhia estrangeira, por isso que tem nada menos de quatro artistas que não são estrangeiros.

A campanha, ao que se afirma, visa a defender os interesses dos 109 portugueses que vivem da exploração que a vedeta mexicana está realizando no teatro Variedades.

— A Inspeção dos Teatros e Cinemas resolveu considerar *maestros* os gerentes das casas de musica que tem fornecido numeros para as revistas portuguesas.

O maestro Sansetti solicitou, em virtude disto, que sejam tambem considerados *maestros* os discos de gramofone.

**CINEMAS.** — Confirmando a noticia que ha dias demos aos nossos leitores, vai correr num cinema de Lisboa a *Pequena Parada*, visto a Inspeção dos Cinemas ter proibido a admissão de paradas grandes nas roletas cinematograficas.

**VARIAS.** — O jornalista sr. José Parreira Le Bom acaba de publicar o seu 10.005.º livro sobre as teorias do simpatico Gustavo Le Mauvais. Ao livro está reservado um grande sucesso literario.

**A QUESTÃO DA AGUA.** — O sr. Secretario de Estado do Comercio encarregou uma comissão de tratar da questão do abastecimento de aguas á capital.

Ao que parece, o sr. Carlos Pereira vai fornecer agua em conferencias, por isso que está posta de parte a sua ideia de fornecer á população de Lisboa a agua do rio Tejo, que tem muito menos microbios que a da Companhia.

— O sr. Charles Lepierre tendo, por ordem superior, feito uma analise á agua do sr. Carlos Pereira, verificou que ela era boa para consumo, dando até direito a quarenta graus de febre tifóide garantidos.

**O PROBLEMA DO TRANSITO.** — Em vista do crescente abuso nas bandeiradas nos taxi-aviões, a Camara Municipal resolveu aplicar a cada avião um taxi selado.

**ESTRANGEIRO.** — O governo francez decretou o ensino obrigatorio de geografia. Por esse motivo, vão cursar essa cadeira nada menos de 200 jornalistas franceses que consideram Lisboa cidade de Espanha.

FUME **SUNRIPE**



Os espectaculos que ora se dão no Campo Pequeno são declaradamente de circo, isto é, mestre Segurado decidiu confessar-se e não mudar o nome aos bois. Faltou apenas declarar que a companhia tem andado por Paço d'Arcos e Dáfundo, devendo, depois, seguir por Algés...

\* \* \*

Os «Marmores Tauromaquicos Portugueses», criação preparada para honrar a tauromaquia nacional em Espanha, são anunciados por um cartaz onde o inventor aparece glorificado numa estatua equestre.

A cavallo está o Grande Segurado e no pedestal um toureiro da Associação, prestando-lhe homenagem. Os «aficionados», eternos forçados, são representados por alguns forçados e no mesmo cartaz se vê um simbolo — um homem matando á *ca-run/a* um touro embolado.

Estas figuras são todas de marmore... e a critica é de pedra.

O programa do circo do Campo Pequeno é enternecedor!

Vinte cavalos e poneys com «preto».

Toureiro a duo pelos Irmãos Albanos.

Mais dois Albanos pequenos, estes saltadores como os autenticos bois do Campo Pequeno.

A bailarina equilibrista sobre arame, Miss Hispania, assim uma especie dos equilibrios que o Segurado faz sobre o arame que paga aos toureiros que traz de Espanha.

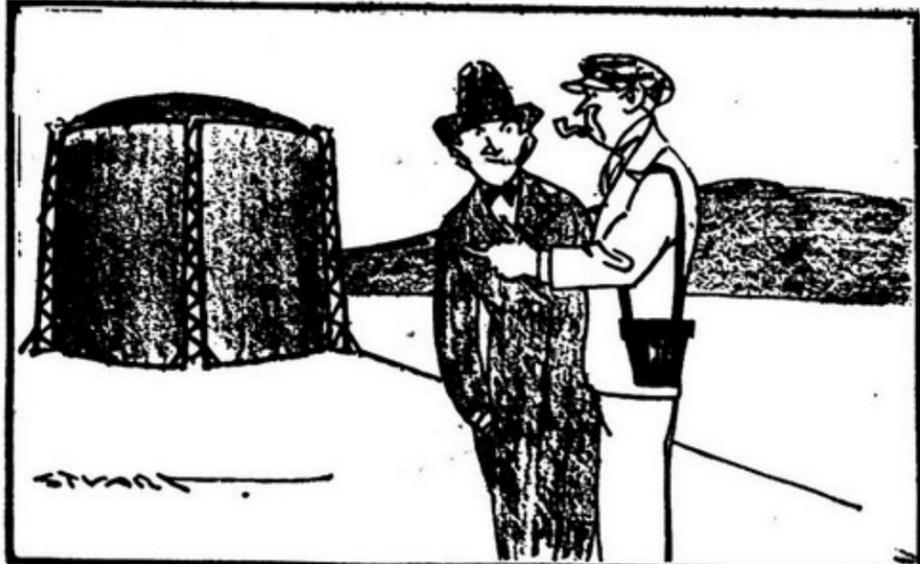
Cães amestrados por Miss Mirtza. Esta Miss é o Segurado e os cães são os «aficionados».

E, para quem disser mal, um tiro por Miss Fiorenza, atiradora premiada.

De campinos fazem dois membros da familia Luffman, que não tem nada que ver com a familia José Casimiro.

Perez la chaise.

## OS MONUMENTOS



- Aqui o que era ?
- A Torre de Belem.
- E onde está agora ?
- Está encaixotada.

John Bull.



— Eu queria uns linguados ao «gratin», se você me garante que são realmente frescos.

— Vou perguntar ao cozinheiro que é um homem sério e volto já com a resposta.

— Diz o cozinheiro que ha oito dias, quando vieram, ainda estavam vivinhos a saltar.

# Charadas em fraze

Para o cabelo a nota na Índia é medicamento. — 3-1-1.  
Decifração: *Tintura dódia.*

O homem e a mulher trazem as três vogais com judiaria ao lado do empregario. — 2-2.  
Decifração: *Artur Ema UUU.*

Uma afirmativa em Viseu num homem cansado de memória anda nas mãos do policia. — 1-2.  
Decifração: *Xinfalho.*

A fêmea do Paco neste autor dramático dão uma ave apreciada. — 2-2.  
Decifração: *Pacagão.*

Os pés que dão tinta andam com a mulher da actriz. — 4-3.  
Decifração: *Anilina Abranches.*

Uma figura simbólica inglesa espara com fervor este fruto. — 1-2.  
Decifração: *Bulancia.*

O cognome dum rei na casa de banho estava pendurado na janela. — 1-2.  
Decifração: *Crutina.*

A fêmea do cinco por três vezes ficou com uma marca na cara. — 2-1.  
Decifração: *Cincatiz.*

Na túnica e no charco está a nota. Diga duas missas se pode, senhora artista. — 3-1-2.  
Decifração: *A'roro do Binc.*

Nos membros e no pano impermeável está a terra de Espanha. — 2-2.  
Decifração: *Bracolona.*

Va as eleições que nesta cidade do Oriente está o homem da farmacia. — 2-2.  
Decifração: *Votecidiro.*

O ponto a acertar pelo atirador é a riqueza da docença. — 2-2.  
Decifração: *Alvominá.*

Não diz que não com a cabeça o crustaceo. — 1-2.  
Decifração: *Sintola.*

A mulher formosa e meia espanhola é muito antiga. — 3-2.  
Decifração: *Deidade Média.*

Ao que paga a renda tira as sílabas finais e dá-lhe o romance para andar no arame. — 3-2.  
Decifração: *Inquilíbrio.*

Não é pra mim a joia reservada. — 2-2.  
Decifração: *Praticular.*

E' mais que branco aquilo que val para o céu antes da volta. — 2-2-2.  
Decifração: *Alvo d'Almáida.*

Aqui e no cinema temos o maque-rente. — 1-2.  
Decifração: *Cáfitá.*



— Ai que o patife do meu marido pregou com o meu automovelzinho no precipício

# PENA DE TALIÃO

## Olho por olho, dente por dente

Miguel Zamacois é um grande malduro na fabricação de contos de vi-gario. E tem goilo o rapaz! Como o espaço é pouco para fazer a sua bio-grafia, que é das mais comicas que nós conhecemos, limita-se o cronista a traçar uma anedota a seu respeito. Ei-a! que é bem boa:

Zamacois, num dia em que o calor mais se atreveu a escaldar o pobre do indigena, recebeu, em sua casa, a conta do merceiro, metida num envelope. Abriu-o e desdobrou uma folha de papel que ostentava ao lado de um rectangulo, onde figuravam medalhas obtidas em diversas expo-sições, este cabeçalho:

**JOIO CALAFATE**

Merceiro por grosso e a retalho  
Mindezas e tabacos  
Rua do Meio, 69.

Sob este cabeçalho, succediam-se mais de vinte linhas de escrita, acom-panhadas de cifras parciais, em fór-ma de factura.

Zamacois, o grande literato, refas-telou-se no maíple e saboreou o se-guinte documento:

Presunto de bom cheiro .....	115\$
Chouriço engraxado .....	20\$
Toucinho sem ranço .....	15\$
Pimentão de cor .....	10\$
Cebolas de 1. <sup>a</sup> .....	5\$
Cabeças de alho .....	1\$
Cravo cabecinha .....	1\$
Calda de tomates .....	2\$
Bacalhau de Viena .....	100\$
Batatas mixtas .....	10\$
Azeite sem oleo .....	20\$
Vinagre de vinho .....	2\$
Manteiga sem sal .....	8\$
Colorau de Vigo .....	5\$
Tempo decorrido com o freguês .....	100\$
Gorgeta ao caixairo .....	5\$
<b>Total .....</b>	<b>325\$</b>

O escritor ficou pensativo, pois não possuía um escudo sequer. E disse:

— O melhor é ir ter com o homem da tenda. As desculpas não custam dinheiro. Vou, pois, desculpar-me da divida.

E se melhor o disse, melhor o fez. Daí a meia hora estava com o mer-ceiro. Este, em lugar de mostrar-se surpreendido com o palavreado do Zamacois, exteriorizava alegria por todos os poros. E fez a seguinte pro-posita ao escritor:

— Ao que me informaram, o senhor é o novelista, o jornalista da moda.

Pois bem: eu vou fundar um jornal que defenderá os direitos dos iner-ceiros. Ha campanhas a fazer con-creta o aumento das contribuições. O senhor ficará com o cargo de reda-ctor principal do *Viveres a Retalho* e paga-me os generos com o produto do seu trabalho.

Zamacois exultou. Os dois abraça-ram-se. Passados dias, appareceu á luz *Os Viveres a Retalho* — e fez-se luz nos aparvalhados cerebros dos merceiros. A gazeta fez successo en-tre o meio. E os governantes treme-ram, mas não caíram silenciosos... Apenas se limitaram a diminuir os impostos.

No 30.<sup>o</sup> numero, numero em que o escritor teria de pagar o seu debito ao Calafate, enviou-lhe aquele uma carta que este leu não sem assombro:

**MIGUEL ZAMACOIS**

Cronicas, fantasias, artigos de fun-do, versos, etc.  
Rua do Vigario, 35.

Factura de um fundo para <i>Os Viveres a Retalho</i> .....	115\$
Para abrir a torneira da ima-ginação .....	20\$
Para deixar correr uma serie de assuntos variados e esco-lher um deles .....	15\$
Fornecimento de um assunto novo .....	10\$
Transporte do dito assunto pa-ra o papel .....	1\$
Fornecimento do papel .....	1\$
Solda do preambulo ao corpo da cronica .....	1\$
Fornecimento de dois neologis-mos ineditos .....	2\$
Fornecimento de seis palavras espirituais .....	100\$
Por uma comparação original	10\$
Solda da conclusão ao corpo da cronica .....	20\$
Fornecimento de uma assina-tura de primeira qualidade. Duas quadras de pé quebrado, á poeta Sevilla .....	8\$
Uma mão cheia de linguados	1\$
Paginação do <i>Viveres</i> .....	10\$
Gorgeta ao autor do fundo ...	5\$
<b>Total .....</b>	<b>325\$</b>

E assim o Grande Elias pagou inte-gralmente a sua conta ao Calafate, que morreu com uma congestão ce-rebral, após a leitura do original do-cumento.

**lvinho.**

# Um protesto

Todas as modificações e todas as reformas provocam protestos, más vontades e oposições. Eis um protes-to que nos chegou duma classe pre-judicada pela furia destruidora que atacou a Camara Municipal:

«Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do *Sempre Fi-re*: — Os abaixo assinados, membros duma antiga familia de pardais da cidade de Lisboa, vem por este meio, em nome de todos os seus camaradas conterraneos, protestar junto de V. Ex.<sup>a</sup> pelos atropelos de que estão sen-do vítimas e que estão ameaçando a paz de numerosas familias habitan-tes das arvores-da capital.

Alguns dos nossos companheiros, pela destruição inesperada dos seus lares, tem-se visto forçados a emi-grar successivamente do Rossio para a Praça dos Restauradores e daí pa-ra o Terreiro do Paço, não sabendo onde instalar-se agora, perante a no-va furia destruidora que acometeu a vereação e fez com que fósse tam-bem rapado á escovinha todo o ar-voredo daquela ultima praça.

Ora isto, Sr. Director, não pode continuar assim. Quando em toda a parte se pensa em resolver a crise da habitação, não é justo que para conosco se adopte semelhante tra-tamento que, a continuar assim, porá em risco alguns milhares dos nossos companheiros, que não sabem já on-de ir construir seus pobres linhos. Todos tem o direito de possuir suas moradas, sob pena até de vadiagem e, portanto, ou se dá a todos o direito de morar seja onde for ou ha mora-lidade.

Mesmo um tal estado de coisas vai afectar a integridade do arvoredo, numa epoca em que as arvores, em teoria afinal, tão acarinhadas e feste-jadas tem sido. Já nem se pode ser arvore sequer neste pobre país e V. Ex.<sup>a</sup> mesmo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bordalo, na sua qualidade de Pinheiro, deve pôr-se no seguro.

Ha coisas revoltantes; perseguem-se as pobres acacias da Avenida o deixam-se em paz os numerosos Aca-cios que estadeiam por essas ruas a sua comprovada inutilidade.

Deitam-se abaixo as pobres arvores que nos dão sombra e não se põem á sombra os numerosos malandrins que nada nos dão e que, pelo contrario, servem apenas para nos sugar e que tudo nos tiram.

Por isso, Sr. Director, aqui deixa-mos exarado o nosso mais veemente protesto e, para terminar, acrescen-taremos ainda que, em lugar de de-salojarem os pobres passaros dos seus ninhos, era bem melhor que se entretivessem a desalojar certos pas-sarões dos varios nichos onde estão alapardados.

Pela Associação de Classe dos Par-dais Portugueses,  
*Os pardais do Camões.*

# RARIDADES



— Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> o primeiro feto que atravessou o Atlantico!

# YUME SUNRISE

## NO CASINO



— Teu amor é uma choupana e considerava-me o homem mais feliz. — Porque não dizes antes: teu amor, um automovel e um palacio?



O que se diz e o que se não deve dizer

# O desafio Sporting-Carcavelinhos e a mobilização da 4.ª divisão de Alcantara

Realizou-se, no domingo passado, a segunda lotaria para o campeonato de foot-ball de Lisboa.

A taluda saiu ao Benfica, cabendo ao Carcavelinhos o segundo premio. E o Casa Pia teve um mesmo dinheiro que valeu mesmo um dinheirão...

Porque, no empate Casa Pia-Sporting, os antigos negros fizeram com que os verdes se vissem azues... E parecem muito capazes de continuar nessas mudanças cromaticas, pelo campeonato fóra...

Aparte isto: — pouco publico, pouco entusiasmo, pouco jogo...

\*\*\*

Apareceu uma nova marca de automoveis, denominada: Praga.

Ora, se por vezes, na Baixa, nós nos queixamos já da praga dos automoveis, o que diremos quando fór uma praga de Pragas?

\*\*\*

A questão das nove decimas de desafio entre o Carcavelinhos e o Sporting está ainda por resolver.

Entretanto, a quarta divisão de Alcantara já está preparando os selins...

Diz-se que, inspirado por um directivo do Collegio de Arbitros, o apressado juiz do encontro redigiu um muito curioso relatório.

A questão continua por resolver...

Entretanto, a quarta divisão de Alcantara anuncia estar perfeitamente disposta a efectivar ruidosamente a mudança dos trastes da Associação para a nova sede...

## Medidas profilaticas contra a footomania

Um aviso oportuno

A A. F. L. fará processo-verbal contra os individuos que provocarem incidentes nos campos de footbal



Como não é facil haver «foot» sem zaragata, consta que vão fechar os campos de jogos, ou em caso contrario, vão as cadeiras encherem-se de criminosos

No ano passado, a quando dum celebre desafio Benfica-Carcavelinhos, a coisa terminou por uma manifestação liquida, colectivamente efectuada nas escadas da A. F. L. Não haverá porventura, desta vez, o perigo duma manifestação mais... solida?...

A questão ainda não se resolveu... En'retanto...

\*\*\*

Um medico português, no Salon de l'Automobile, apreçou um carro de grande turismo.

Reflectiu. Fez calculos mentais. E, por fim, falando com os seus botões, murmurou:

— «Oitenta contos! Preciso de operar oito apendicites...»

E fez a encomenda.

\*\*\*

Maurice Prax, no Petit Parisien, escreve, sobre as travessias aereas do Atlantico:

«Ha uma coisa que diminue sensivelmente, de ha um ano para cá.

«E' o Atlantico.

«Era, no ano passado, uma imensidade. E' hoje uma imensidade muito reduzida. Um dia virá em que não haverá mais imensidade.

«Todos nós temos muita imaginação. Somos contudo absolutamente incapazes de imaginar agora o que será, dentro de cem anos, a navegação aerea.»

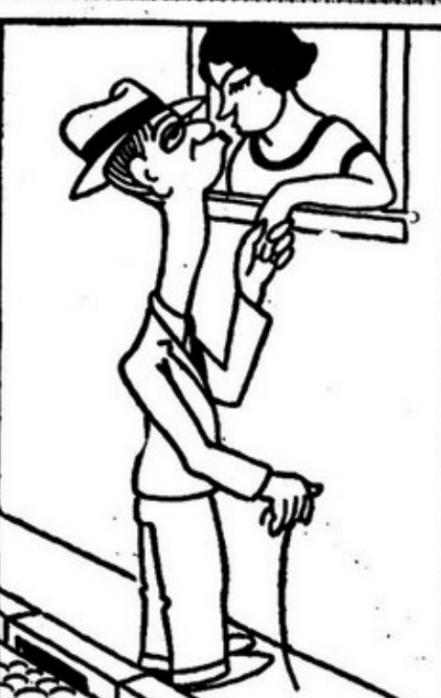
Decididamente, ha imbecis em toda a parte...



Os alteres fazem desenvolver os musculos...



O «box» faz desenvolver as mãos...



O namoro faz desenvolver o pescoço...



E o amor faz desenvolver o nariz.

# ECO DA SEMANA

## SEMANA GLORIOSA

OS ASSUNTOS DESTA SEMANA CONSIDEREI-OS DEMASIADO ELEVADOS PARA FOCAR PELO COSTUMADO PRISMA HUMORISTICO. OS LEITORES QUE ME RELEVEM ESTA VARIANTE.

### HONRA AOS AVIADORES E AS ARTES GRAFICAS DE PORTUGAL!!!

### 2 GRANDES EXITOS



REALISOU-SE UMA JUSTA HOMENAGEM AO MESTRE ANTONIO MARTINS, O MAIOR PROPULSOR DA ESGRIMA EM PORTUGAL (3º PAIS DO MUNDO EM ESGRIMA)

1147-1928

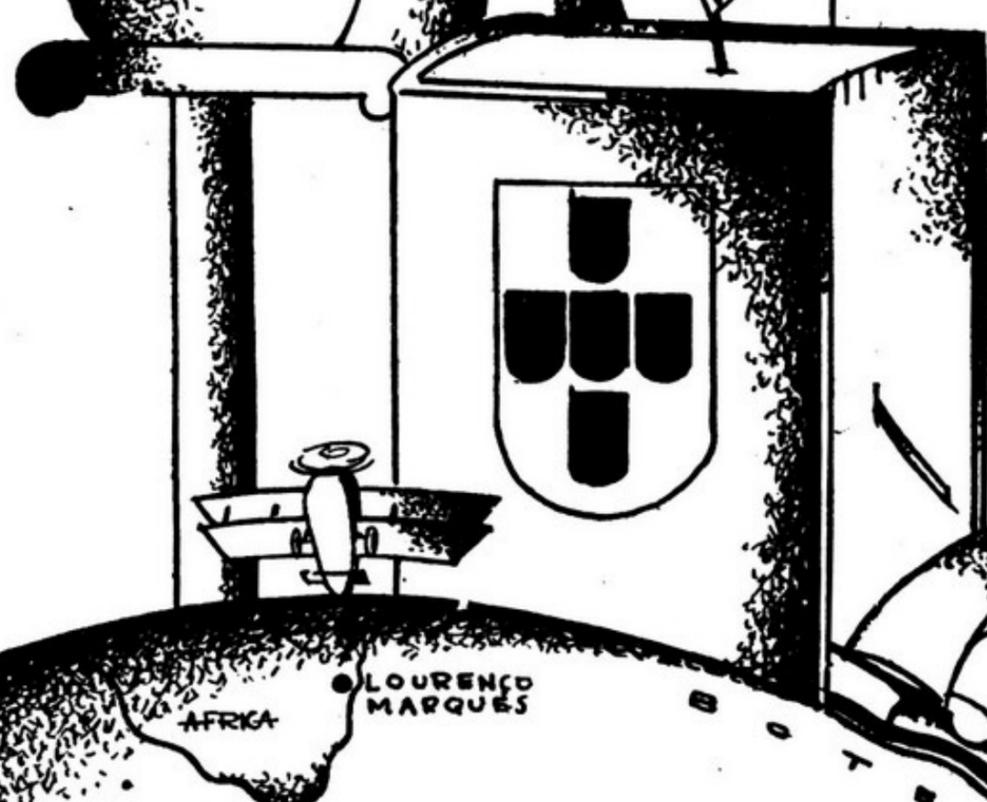
CELEBRA-SE COM BRILHO A TOMADA DE LISBOA AOS MOURROS, POR D. AFONSO HENRIQUES

INAUGURAM-SE DOIS LICEUS EM LISBOA, UM MASCULINO, OUTRO FEMENINO, HOMENAGEM DO D. JOAO DE CASTRO

E D. FILIPA DE LENCASTRE

EM MADRID NA EXPOSICAO DO LIVRO, PORTUGAL COM OS SEUS 3.000 VOLUMES, ALCANCA UM GRANDE EXITO

OS AVIADORES PORTUGUESES INDO DE LISBOA A Lº MARQUES PROVARAM AO MUNDO QUE SAO DIGNOS DESCENDENTES DOS GAMBOS CABRAS ETANTOS OUTROS.



LOURENCO MARQUES

AFRICA

EXPOSTA AO PUBLICO, NA AVENIDA, UMA ESTATUA DE GONCALVES ZARCO, QUE EM 1419 DESCOBRIU A MADEIRA. DESTINA-SE AO FUNCHAL E E DA AUTORIA DO ESCULTOR MODERNO F. FRANCO

## OS AVIADORES CHEGAM A Lº MARQUES